



Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação - FE  
Escola Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – ENDICA / Escola  
Nacional de Socioeducação - ENS

Projeto Meu Querer enquanto dispositivo de empoderamento  
feminino

Estela Maris Gruske junges

Brasília, 2022



Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação - FE  
Escola Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – ENDICA / Escola  
Nacional de Socioeducação - ENS

Projeto Meu Querer enquanto dispositivo de empoderamento  
feminino

**Estela Maris Gruske Junges**

Trabalho de conclusão do Curso de  
Especialização em Garantia dos Direitos e  
Política de Cuidados à Criança e ao  
Adolescente.

Orientador: Adalberto de Salles Lima

Brasília, 2022

Estela Maris Gruske Junges

Projeto Meu Querer enquanto dispositivo de empoderamento  
feminino

Trabalho de conclusão do Curso de  
Especialização em Garantia dos Direitos e  
Política de Cuidados à Criança e ao  
Adolescente.

Orientador: Adalberto de Salles Lima

Aprovado em: 22/02/2022

Banca Examinadora

Adalberto de Salles Lima

Antônio Gomes da Costa Neto.

# Resumo

Buscou-se discutir sobre empoderamento feminino a partir de um estudo de caso referente ao Projeto Meu Querer desenvolvido no Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Estado do Rio Grande do Sul. O Projeto Meu Querer é uma proposta de espaço de aprendizado em que a escolha do “Querer” emerge da própria adolescente. As adolescentes escolhem o que querem aprender e as Agentes Socioeducadoras (ASE’s) atuam como facilitadoras/mediadoras daquele aprendizado. O objetivo deste estudo foi o de investigar-narrar-compreender a relação do Projeto Meu Querer com o empoderamento Feminino, tendo como caso condutor da análise um estudo de caso, de uma adolescente participante do Projeto que pintou em telas as Bandeiras de Luta do Movimento Feminista. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratório, descritivo. Mais do que um caso para conhecer, foi um caso para refletir sobre o empoderamento feminino daquelas que estão privadas de liberdade.

Palavras-chave: Empoderamento feminino, Socioeducação, Movimento Feminista, Projeto Meu Querer.

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>6</b>
CAMINHOS METODOLÓGICOS	10
<b>TECENDO O EMPODERAMENTO FEMININO COM O PROJETO MEU QUERER</b>	<b>11</b>
O que é o Projeto? Como ele funciona? Quem participa?	12
Conhecendo o Querer do Estudo de Caso	16
<b>UM DESPERTAR FEMINISTA: PINTANDO EM TELAS UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA PARA AS MULHERES</b>	<b>18</b>
<b>Conclusões</b>	<b>30</b>
<b>Referências</b>	<b>32</b>

## Introdução

A Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE/RS) está organizada em 25 Centros de Atendimento Socioeducativo (CASE's) sendo 24 masculinos e 1 Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino (CASEF). O CASEF recebe adolescentes/jovens oriundas dos 10 juizados da Infância e da Juventude do Estado entre 12 e 21 anos (FASE, 2021).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) preconiza que quando verificada a prática de ato infracional o Estado pode aplicar as seguintes medidas aos adolescentes/jovens: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviço à comunidade, liberdade assistida, inserção de regime de semiliberdade e internação em estabelecimento educacional (ECA, 1990). A inserção em regime de semiliberdade e internação em estabelecimento educacional, no RS, são de responsabilidade da FASE.

Ainda conforme o ECA as adolescentes privadas de liberdade possuem diversos direitos, assim como qualquer adolescente que não esteja cumprindo Medida Socioeducativa, dentre eles destacam-se os relacionados à educação, profissionalização, cultura, lazer e saúde (ECA, 2010). Direitos que muitas vezes são negados a elas quando estão em liberdade, e encontrados quando estão em regime fechado. Ou seja, é preciso estar privada de liberdade para ter os direitos legais efetivados.

O CASEF se organiza por grupos (não é chamado de alas já que há uma cultura institucional de tentar interromper a reaplicação de termos usados

no sistema penitenciário pelo sistema socioeducativo) Grupo 1 e Grupo 2: O primeiro destinado a adolescentes que estão em Internação Provisória e o segundo destinado às adolescentes que estão em Internação Sem Possibilidade de Atividades Externas (ISPAE). Há o grupo ICPAE, destinada às adolescentes que estão cumprindo medida de Internação Com Possibilidade de Atividades Externas, e o Berçário que se configura em ser um espaço onde as adolescentes/jovens, gestantes ou com filhas pequenas (mesmo que não estejam amamentando), cumpram suas Medidas e/ou aguardem o resultado da internação provisória. Anexado ao Centro encontra-se o Grupo Semiliberdade, que segue tendo interface com o CASEF uma vez que os técnicos e Agentes que atuam com as adolescentes são as mesmas e integram o mesmo terreno.

As adolescentes/jovens que cumprem Medida Socioeducativa são matriculadas em escola do Estado anexada à infraestrutura do CASEF, garantindo a segurança e a integridade do cuidado. No contraturno realizam diversas atividades ofertadas por voluntários e pelos funcionários do quadro do Estado, tais como: Yoga, Oficina de Dança dirigida, Oficina de Artesanato, Oficina de Costura, Projetos profissionalizantes de higienização, lavanderia e noções administrativas.

As atividades livres de aprendizados são realizadas a partir das habilidades e competências das Agente Socioeducadoras e/ou voluntários. O que uma trabalhadora sabe fazer é ofertado às adolescentes como dispositivo de aprendizagem. O Sistema Socioeducativo, assim como outros espaços educacionais, ainda carece de espaços em que a socioeducanda seja protagonista de seu aprendizado.

Menstruam, usam absorventes, podem ter tensões pré-menstruais (TPM), podem fazer uso de pílulas anticoncepcionais, usam rabiós (já que

muitas têm cabelos longos), usam cremes capilares, esmaltes nas unhas, podem depilar pernas, axilas e virilha. Engravidam, gestam suas filhas, amamentam, parim. Mulheres jovens, negras e com poder econômico desfavorável são as que mais sofrem violência no Brasil (UFMG, 2021). O perfil das socioeducandas representam essa estatística das que mais sofrem violências: negras, com baixa escolaridade, desfavoráveis economicamente e jovens (FASE, 2021).

Sexo se você não quer é estupro. Se você está inconsciente, é estupro. Ninguém pode tocar em seu corpo sem a sua permissão. Te trancar em casa não é lhe proteger. Forçar não usar métodos contraceptivos não é cuidado. As palavras também carregam violências. Muitas adolescentes somente conseguem perceber que sofreram violências estando privadas de liberdade e uma das formas que elas têm de perceber isso tem sido com o Projeto Meu Querer.

O Projeto Meu Querer é uma proposta de espaço de aprendizado em que a escolha do “Querer” emerge da própria adolescente. O que você quer aprender? O que você quer descobrir? O que você quer fazer? As adolescentes escolhem o que querem aprender e as Agentes Socioeducadoras (ASE's) atuam como facilitadoras/mediadoras daquele aprendizado. O acompanhamento é individualizado com a intenção de garantir o desenvolvimento de potencialidades das adolescentes do CASEF, garantindo atenção às suas singularidades. É o escutar o que o outro quer aprender, é o emergir e não o impor.

O Projeto Meu Querer atua na linha da educação Libertadora ou Problematicadora pois, foca não apenas no que o outro quer ensinar, mas sobretudo naquilo que se quer aprender. Essa abordagem de ensino,



conceituada por Paulo Freire (1983), é uma maneira de estimular o pensar das adolescentes em soluções e a se entenderem como parte da sociedade. É uma oportunidade de que seja explorado os potenciais, bem como de valorizar as singularidades que cada jovem apresenta, ou seja, proporcionar o desempenho de sua autenticidade.

Esta pesquisa buscou investigar-narrar-compreender a relação do Projeto Meu Querer com o empoderamento Feminino, tendo como caso condutor da análise um estudo de caso, de uma adolescente participante do Projeto que pintou em telas as Bandeiras de Luta do Movimento Feminista. É a partir das tintas e dos pincéis que o empoderamento feminino de e uma adolescente de 16 anos foi se construindo.

Para desmistificar e fomentar a mudança de paradigma do trabalho com a socioeducação e dar visibilidade à população socioeducativa, principalmente a feminina, a pesquisa está dividida em: Caminhos Metodológicos no qual foram explicado como a pesquisa aconteceu; Tecendo o empoderamento Feminino com o Projeto Meu Querer, no qual foi explicado o Projeto e também, narrado o *Querer* do estudo de caso; Um despertar Feminista: pintando uma vida sem violência para a mulheres é narrado e compreendido o empoderamento feminino da adolescente a partir das obras por ela criadas.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratório, descritivo, no qual foi realizado um estudo de caso (caso único) referente ao *Projeto Meu Querer* realizado no Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino do Estado do Rio Grande do Sul (CASEF). Mais do que um caso para conhecer, foi um caso para refletir sobre o empoderamento feminino daquelas que estão privadas de liberdade, a partir de um recorte do Projeto Meu Querer.

Para responder às questões de porque e como algo acontece, e para compreender e produzir análise de fenômenos contemporâneos, o Estudo de Caso se faz extremamente adequado. (YIN, 2015).

Foi realizado um recorte de um acompanhamento referente a um caso do Projeto Meu Querer. A.O (modo como será chamada a adolescente para que seja preservada sua imagem) é uma adolescente participante do Projeto que inicia desejando aprender a desenhar animais. Após a realização de um curso sobre a Lei Maria da Pena, inicia a pintura de quadros com bandeiras de luta do movimento feminista. A escolha por esse *Querer* para o estudo de caso ocorre em virtude da socioeducanda representar concretamente em produto (quadros) uma violência comum às demais socioeducandas, assim como também representar o empoderamento feminino retratado em telas.

Caso crítico, peculiar e revelador: esses são os critérios, apresentados por Yin e que estão de acordo com o recorte do *Querer* escolhido para se justificar um estudo de caso. Crítico porque incorpora os referenciais do Feminismo,

teoria que combate as práticas sociais de inferiorização do gênero feminino; Peculiar porque se diferencia das experiências institucionalizadas do CASEF. Revelador por tratar-se de uma experiência ocorrida no serviço destinado à socioeducação de mulheres.

Como fontes de evidências e produção de dados para essa pesquisa foram utilizados dados secundários de fontes documentais que tratam sobre o Projeto *Meu Querer* e sobre a experiência da A.O para com o projeto. Destacam-se as publicações e entrevistas em sites, notícias e rádios, dentre outros. Também, foi realizado a observação participante que conforme Becker (1993), o mais adequado para esse caso, é o do “observador participante em caráter integral” que corresponde quando o pesquisador vivencia e experimenta todo o processo a ser estudado. Afinal, a pesquisadora é a idealizadora do projeto e quem faz o acompanhamento direto do *Querer* com a A.O. É importante registrar que desde o início do Projeto a pesquisadora narra, conta, se expressa em diário de campo. Para Minayo (1993,p100) o diário de campo é caracterizado por registrar observações sobre conversas informais, comportamentos, gestos, expressões e etc. Também foi usado para que a pesquisadora pudesse imprimir suas próprias reflexões, não apenas narrando os acontecimentos mas contando como eles lhe atravessam e a impactam.

## **TECENDO O EMPODERAMENTO FEMININO COM O PROJETO MEU QUERER**

O que você gostaria de aprender? O que você gostaria de fazer? O que você gostaria de desenvolver? O que você gostaria de experimentar? Se você tivesse a oportunidade de fazer o que deseja com dia e hora marcados, o que

você escolheria? Imagine aprender algo que o produto final não é palpável, ele está em você! O Projeto *Meu Querer* termina para cada adolescente que encontra a liberdade após o final de sua Medida, mas seus efeitos seguem com cada adolescente em sua trajetória de vida.

### **O que é o Projeto? Como ele funciona? Quem participa?**

O Projeto Meu Querer surge em fevereiro de 2021, após meses de início da Pandemia desencadeada pela COVID-19, em que a unidade de socioeducação foi se esvaziando: adolescentes de ICPAE e Semiliberdade foram para casa cumprir suas medidas; as visitas foram interrompidas; a escola parou, ficou remota; os voluntários não foram mais. Com a diminuição do corpo de trabalhadores e de voluntários houve uma diminuição das ofertas educacionais e recreativas. O Projeto surge de um *insight* da pesquisadora ao se questionar, por curiosidade, mas também por acreditar em uma educação mais revolucionária, o que as adolescentes diriam se tivessem um espaço para falarem sobre os seus *quereres*.

Em março do mesmo ano iniciou-se o Projeto com as adolescentes. O primeiro encontro da socioeducadora com a adolescente (às vezes, em dois ou três encontros) têm a função de descobrir qual o *querer* (ou *quereres*) a ser trabalho, também é uma oportunidade para que haja conexão entre as duas partes.

A socioeducadora não tem papel de professora,icineira, e sim de educadora que facilita/media que o querer de fato aconteça. Portanto, a mediadora/facilitadora não precisa saber/ter todas as habilidades para

participar do Projeto Meu Querer, o que segue sendo essencial, é que ela tenha disponibilidade afetiva.

No primeiro contato entre a mediadora/facilitadora com a adolescente é explicado o Projeto e ocorre as pactuações das regras sobre como deverão ser conduzidos os encontros. O contrato dado é que ocorrerá em espaço de cumplicidade, garantindo o sigilo das falas (de todos os participantes), desde que não seja uma ameaça à vida ou à segurança da unidade. Os encontros se configuram por serem um espaço mais livre, e embora sigam sendo uma extensão da unidade, tem a característica de ser um lugar de maior liberdade no qual se permite a expansão sobre as suas subjetividades. Lá as jovens ficam menos contidas e permitem transbordar mais seus “eus”.

Para a descoberta do *Querer* a mediadora/facilitadora estimula a jovem a “bater um papo”, sem roteiro pré-formatado, sem interrogatórios, nem questionários. Para a conversa são utilizados eixos direcionadores: “O que eu gostaria de aprender? O que eu avalio que preciso melhorar? Qual o aprendizado que mais marcou a infância? Quem é a pessoa que eu mais admiro?”. Como as respostas são diferentes, cada conversa é única. Algumas jovens ficam bastante tempo falando da infância, outras do desabrochar da adolescência, outras do seu auto infracional, outras de sua família. Como instrumentos de acesso são realizados o exercício da fala e/ou prática de desenho livre, o qual pode ser com uso de massa de modelar como catalisador do despertar sobre si. É a partir desse contato, através de conversas, desenhos em que começa-se a elencar as possibilidades de itinerário formativo criado pela própria adolescente.

A mediadora/facilitadora não é uma interrogadora, portanto à medida que a conversa vai desenrolando, ela vai falando também sobre seus aprendizados, sobre a sua vida (respeitando os sigilos de segurança). É estabelecido uma interação em que as duas partes fazem perguntas, as duas podem responder, as duas podem falar, as duas podem expressar todas as manifestações do seu corpo. O objetivo é criar um espaço de conexão, por isso a importância da facilitadora estar “entregue”, ter disponibilidade afetiva, ter coragem para compartilhar suas histórias, experiências e experimentações. A socioeducanda precisa sentir que está conversando com alguém “real” , alguém que vive, que assim como ela tem histórias e acima de tudo comete erros.

Após o “bate papo” tanto a socioeducanda quanto a socioeducadora desenham para se apresentar uma à outra, também compartilham sobre o que gostariam de aprender e o que gostariam de mudar em si. Dentre os Quereres, a adolescente acaba dizendo aquele (ou aqueles) que mais se sobressai, ou aquele que mais tem interesse nesse momento. O que gostaria de mudar em si fica registrado para que a mediadora possa trabalhar com o querer aprender com o querer mudar ao longo dos encontros.

Os encontros que sucedem são destinados à realização do querer escolhido. A protagonista do aprendizado é a própria adolescente que tem autonomia para desenvolver sua atividade no seu ritmo, no seu tempo. Os encontros são individualizados, semanais, de caráter não obrigatório e são ofertados a todas as adolescentes. O Projeto *Meu Querer* até o momento tem adesão de 100% das jovens, sendo o único projeto do CASEF com total adesão.

Os desejos de aprendizado, ou seja, os Quereres escolhidos têm sido do campo da educação, por exemplo, curso preparatório para o Exame Nacional para Certificação de Competência de Jovens e Adultos (ENCCEJA) (adolescente que realizou o curso preparatório para o ENCCEJA foi aprovada), curso de inglês, curso sobre saúde do idoso; estudo de matemática; do campo das artes, dança, desenho, pintura, origami, violão, teclado, ukulele, pintura em gesso; no campo do mercado de trabalho, construção de currículo, participação de cursos para trabalhar no seu primeiro estágio ou como Jovem Aprendiz (duas adolescentes em medidas abertas que estavam realizando cursos preparatórios para a inserção ao mercado de trabalho foram seleccionadas para estágio não obrigatório e contrato com carteira assinada).

Em sua realização, o Projeto conta também com um conjunto de parceiros doadores e voluntários que estão tecendo uma rede de aprendizados. A ideia é de produzir uma interlocução daquelas que estão hoje privadas de liberdade com aqueles que integraram a vida em sociedade, a própria comunidade.

O Projeto é conduzido por dois Agentes Socioeducadores: uma mulher e um homem. Por se tratar de uma Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino, ter uma mulher conduzindo o processo reforça o que chamamos de representatividade, que conforme o dicionário de Política de Noberto Bobbio é a expressão dos interesses de um grupo na figura da representante. As jovens precisam se reforçar que aquele espaço de autoridade (e não de autoritária) também podem ser ocupados por elas, que elas, que nós mulheres, podemos ocupar o lugar que quisermos. Alguns assuntos mais íntimos elas se sentem mais confortáveis de compartilhar com alguém de seu mesmo gênero, alguém que assim como elas também pode ter tido das mesmas experiências, dos

mesmos sofrimentos, dos mesmos medos. A figura do mediador homem tem a sua importância em quebrar um paradigma de que todo homem é abusador, de que todo homem que se aproxima quer se aproveitar. Os dois mediadores realizam estudos de casos das adolescentes para que juntos possam trabalhar melhores formas de estimular o exercício de autonomia e o desenvolvimento de vida de cada jovem.

### **Conhecendo o *Querer* do Estudo de Caso**

A.O é uma mulher, adolescente de 16 anos, mãe, sonhadora, artista e tem pintado em telas as bandeiras de luta do Movimento Feminista. Os caminhos que a trouxeram até ao CASEF são importantes para a condução do Projeto *Meu Querer*, mas o ato infracional, aqui não será mencionado. Esta escrita não será uma “nova audiência”, será sim um registro livre de transformação, de empoderamento.

Aprender técnicas de desenho foi o primeiro *Querer* da adolescente. Ela queria treinar as mãos para que no futuro pudesse desenhar casas, móveis. Como ama os animais decidiu começar a aprender a desenhá-los. Seu primeiro desenho foi um leão, construído a partir de um curso online gratuito de desenho. Posteriormente, procurando uma nova inspiração replicou um desenho de uma mulher. A mediadora, trabalhando em outro *Querer* de uma adolescente que queria transpor em tela suas dores, proporcionou uma conversa com as duas sobre arte e compartilhou com elas um curso *online* sobre a Lei Maria da Penha. A.O.



**Figura 1 - Fotografia do primeiro desenho da adolescente**



Fonte: Acervo Estela Junges, 2020

A.O após a realização do curso ficou sensibilizada com as cinco formas de violência contra a mulher registradas na Lei 11.340 de 7 agosto de 2006 que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher (BRASIL, 2006). Ao estudar sobre a lei foi conhecendo mais sobre o movimento de mulheres e suas bandeiras de luta. A adolescente ficou motivada a retratar em tela as bandeiras de luta do movimento feminista entendido como um movimento político e teórico que tem por objetivo a

mudança social e compreende que sexismo, opressão de classes, identidade de gênero e racismo estão ligados (RIBEIRO, 2018).

Fica evidente pelas obras que a adolescente pinta não só causas sociais, mas mescla com causas individuais: suas próprias lutas. Em entrevista para o Jornal do Comércio de Porto Alegre adolescente diz: “É um alívio participar do Projeto. Uma sensação boa. Uma terapia. Uma forma que achei de expressar meus sentimentos. Um jeito de me acalmar”. Ou seja, mais do que a adolescente ter um espaço para desenvolver uma nova habilidade ela tem encontrado um espaço de arteterapia, fundamental para que os dias de privação de liberdade sejam mais amenos.

## **UM DESPERTAR FEMINISTA: PINTANDO EM TELAS UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA PARA AS MULHERES**

A adolescente pesquisando na internet se deparou por diversas vezes com um dos símbolos mais vistos nas manifestações em defesa dos direitos das mulheres: a mão com o punho fechado. A adolescente e a mediadora foram juntas aprender mais sobre o que representa tal simbologia e o porquê é frequente o seu uso.

O símbolo é uma junção do símbolo de vênus (espelho de Vênus da mitologia grega e representa o espelho da Vênus, deusa do amor e feminilidade) com o punho fechado, que foi usado nas Olimpíadas de 1968, no México, quando dois atletas negros, Tommie Smith e John Carlos, subiram ao pódio. Eles protestaram contra a discriminação racial com os punhos fechados

erguidos, no mesmo ano em que Martin Luther King (líder negro na luta contra a discriminação racial nos Estados Unidos) havia sido assassinado. Após conhecer um pouco da história a adolescente decidiu pintar junto as cores da diversidade, o arco íris. Embora o símbolo seja uma representação do feminismo negro, a adolescente colocou a cor lilás, cor do feminismo, para representar que a luta do Movimento Feminista negro deve ser de todas nós.

**Figura 2 - 1º obra: Lugar de Mulher é onde ela quiser**



Fonte: Foto: Alisson Moura, Prefeitura de Canoas

A frase foi escolhida por ter como significado para a artista a possibilidade de “ganhar o mundo” sendo independente, livre. A cor da unha escolhida foi a azul, pois depois de meses sem ver o filho, esse estava com uma cor dessa roupa. Ao pintar o quadro a adolescente foi contando sobre os

lugares que acreditava que mulher deveria ocupar e o quanto que estar em contato com outras mulheres e com a luta delas tem colaborado para entender que o lugar de mulher é onde ela quiser.

A cada pincelada a mediadora vai instigando a adolescente a construir seus próprios pensamentos trazendo elementos e fazendo com que a jovem se explore, tendo que se posicionar, escolher, tentar ter uma postura mais firme, com mais autonomia. Conforme Estela Junges, idealizadora e mediadora do Projeto Meu Querer, “A grande sacada do projeto é a menina ter mais autonomia. É ela sair daqui capaz de buscar seus próprios desejos, sabendo que tem ferramentas para buscar o que ela quer para a vida dela” (Jornal do Comércio, 2021).

Terminar a obra também foi representativo no sentido de demonstrar que é possível concluir algo, que mãos que são potentes para causar violência, também são para construir arte. A segunda obra a autora quis entrar em contato com a diversidade de mulheres, propondo que a obra não fosse só para ser vista, e sim vestida.

**Figura 3 - 2º obra: Lugar de Mulher é onde ela quiser**



Fonte: Foto: Alisson Moura, Prefeitura de Canoas

A mulher desenhada é uma mistura de todas as mulheres e a frase é para reforçar que cada mulher pode fazer com o seu corpo o que tiver vontade. A artista convida as mulheres a vestirem a obra, tornando-a completa ao colocarem seus rostos na continuidade do desenho. Trata-se de uma obra interativa em que o continuar do pincel é dado pela tinta das cores de pele de cada mulher. Ao fundo as cores da diversidade para reforçar a pluralidade e a beleza de sermos diferentes.

**Figura 4 - Pesquisadora vestindo a obra: Meu Corpo Minhas Regras**



Fonte: Acervo Estela Junges, 2020

A facilitadora também vestiu a obra e como consta em seu diário de campo, se sentiu empoderada ao fazer isso. Entende-se por empoderamento o sentido dado por Paulo Freire (1992) “empoderada é aquela que realiza, por si mesma, as mudanças e ações que a levam a evoluir e se fortalecer”. Implica conquista, avanço e superação por parte do sujeito ativo, aquele que se empodera, e não uma doação ou transferência que transforma o sujeito em objeto passivo (SCHIAVO e MOREIRA, 2005). A frase “Meu corpo minha regras” não é porque alguém está dando “permissão” para que as mulheres possam se sentir assim, é porque as mulheres são donas de si, e conseguir colocar limites, principalmente nos homens, de que os corpos são pertencente a aquele que o “veste” é um luta de todas mulheres feministas.

A adolescente que já teve seu corpo tocado sem sua permissão (assim como muitas outras mulheres), sem sua vontade, sem o seu “sim”, pintou a tela como quem pintasse a própria bandeira de luta. Ali ela foi se tornando mais empoderada, foi se construindo e foi reforçando arte e política como forma de perceber o mundo.

A terceira obra a adolescente quis, assim como estava sendo, escutar o que as outras mulheres da Unidade (funcionárias e socioeducandas) para que juntas pudessem escolher uma frase que representassem à todas. Foi realizada uma votação na unidade, uma urna de papel, com diversas frases de lutas que não só trouxesse bandeiras, mas também conforto às mulheres. “O corpo ideal é o seu. Liberte-se” foi a frase escolhida.

**Figura 4 - 3º obra: O corpo Ideal é o seu. Liberte-se!**



Fonte: Foto: Alisson Moura, Prefeitura de Canoas

Se a beleza é uma construção quem disse qual corpo é mais bonito? Que busca é essa pelo corpo perfeito? Ele existe? Aceitar o seu corpo é um processo doloroso para muitas mulheres, afinal as mídias de todas as esferas (jornais, revistas, tv, internet) continuam a vender um corpo que se quer existe. O culto à beleza atua como mecanismo de controle social, estimulado pelo patriarcado (Patriarcado é um sistema social em que homens mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social) para evitar que os ideais feministas de emancipação intelectual, sexual e econômica seja garantido às mulheres (Wolf, 2018).

A adolescente foi extremamente cuidadosa ao pintar ao fundo com a cor lilás, assim não teve que fazer escolhas de qual corpo receberia qual cor de pele, já que há mulheres de todas as cores para cada uma delas. A artista segue colocando as cores da diversidade, reforçando a pluralidade, que nas obras torna-se uma marca.

Em 2021, após um acontecimento em um reality show, em que uma mulher que estava alcoolizada foi abusada sexualmente por outro integrante em rede nacional, a adolescente ficou intrigada a entender o significado da expressão “cultura do estupro”, tão falada após o acontecimento. É importante ressaltar que a construção dos temas a serem retratados em telas emergiram da própria adolescente, isso demonstra o sujeito ativo da artista na sua própria construção, em seu próprio empoderamento.

“Também, com esta roupa curta!”; “Deveria estar bêbada, daí pediu, né?”; “Caminhando sozinha na rua, o que fazia a uma hora dessas?” “Ela disse não, mas queria dizer sim. Tava se fazendo”; “Nenhum homem aguenta uma mulher se rebolando assim”. Naturalizar abuso e culpabilizar a vítima são acontecimento frequentes quando se discutem casos de estupro, abuso,



assédio. A essa naturalização tem-se dado o nome de cultura do estupro que acontece quando culturalmente circula valores sociais, práticas e discursos que legitimam comportamentos de violência contra as mulheres e procuram justificá-la sempre que casos de estupro vem a tona ( Paula, 2020).

Na conversa entre a mediadora e a socioeducanda a temática foi abordada como uma contação de história em que cada uma foi narrando momentos e frases que já ouviram ao longo da vida, situações que amigas, familiares já passaram e que elas também. Assim surge a quarta obra:

**Figura 5 - 4º obra: Contra a Cultura do Estupro.**



Fonte: Foto: Alisson Moura, Prefeitura de Canoas

Ela está dormindo? É estupro. Está bêbada, drogada, inconsciente? É estupro. Ela desistiu no meio e quis parar. Se continuou, é esturpo. Ela é sua namorada, parceira, ficante, esposa e disse não? É estupro. As mãos foram pintadas pela artista e pela mediadora representando as mulheres vítimas de violência. A adolescente pintou a mulher de costas porque disse que sabe que muitas mulheres sentem vergonha, mas está em pé porque resiste e levanta uma bandeira de luta de todas nós! A adolescente foi reconhecendo em cada frase momentos que são violentos e que muitas vezes, pelas histórias de vida são naturalizados.

A adolescente é mãe e em virtude da Pandemia desencadeada pela Covid -19 em que as visitas aos Centros Socioeducativos foram suspensas a adolescente que já estava há meses sem ver o filho, por questões familiares, ficou mais tempo ainda. A cada quadro que a adolescente pintava o assunto maternidade permeava os encontros. Antes de ingressar ao CASEF a adolescente já enfrentava uma luta judicial e social em busca pela guarda de seu filho. A adolescência é um período de tanta descoberta, que ter a maternidade junto com esse momento torna ainda mais desafiador.

A quinta obra foi em homenagem ao filho e à mãe que nasce todos os dias, com a dor da ausência e com a esperança de um encontro permanente.

**Figura 6 - 5ª obra: Lute como uma Mãe**



Fonte: Foto: Alisson Moura, Prefeitura de Canoas

A obra retrata a imagem de uma mãe erguendo seu filho como se o estivesse apresentando para o mundo. Os fuxicos, que preenchem a saia do vestido, representam um trabalho de uma mãe que é artesanal, imperfeito, diverso e cuidadoso. A frase “lute como uma mãe” representa a própria luta da artista em busca da guarda do filho. Esse quadro foi o que a artista mais demorou para concluir, não só pelo fato da exigência de muitos detalhes e trabalhos manuais, mas também pela resistência de se despedir da obra que ali representa o seu próprio filho.

Em 2021 foi sancionado o Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual (Lei 14.214), todavia uma das lutas do Movimento Feminista era a aprovação da cláusula sobre a distribuição gratuita de absorventes femininos para estudantes de baixa renda e pessoas em situação de rua, que foi vetada pelo Presidente (BRASIL, 2021). A menstruação também reforça a sociedade desigual que vivemos. Falar sobre “sangrar” ainda é um tabu para todas as classes econômicas, mas meninas/mulheres em situação de vulnerabilidade ainda sofrem mais. Não ter um absorvente descartável em casa priva meninas/mulheres de irem à escola, de saírem de casa, de brincarem, de se relacionarem com outras pessoas e com o mundo. Todas as mulheres merecem lidar com a menstruação de forma digna. Com a temática da menstruação, chega-se à sexta obra.

**Figura 7 - 6º obra:Eu Menstruo**



Fonte: Foto: Alisson Moura, Prefeitura de Canoas

Eu menstruo! A artista desenha uma mulher sangrando mostrando um processo natural do corpo. Os absorventes são uma forma de protestar pela liberação gratuita dos absorventes para as mulheres que não têm condições de compra. As cores da diversidade mostram que há uma pluralidade de condições que garantem ou não uma menstruação digna, é preciso dar acesso a absorventes a pessoas que menstruam e que estejam em situação de vulnerabilidade social.

## CONCLUSÕES

O Projeto Meu Querer é uma proposta educativa que busca desenvolver a autonomia das adolescentes que estão no Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino do Estado do Rio Grande do Sul, a adolescente A.O ao longo de quase um ano de participação no projeto conseguiu desenvolver não só a habilidade de pintar e desenhar, mas também o de se posicionar. Ocorreu a melhora no exercício de autonomia e a adolescente já se apresenta como uma feminista que entende que a sociedade é desigual para com as mulheres e que é preciso ter muita luta para que não somente a igualdade seja estabelecida, mas que a equidade também.

As obras tornaram-se exposições artísticas intitulada “Para Além das Telas: Pintando uma nova vida sem violência contra as mulheres”. A adolescente expos na celebração dos 10 anos do Centro de Referência à Mulher em Situação de Violência Patrícia Esber, na cidade de Canoas no Rio Grande do Sul e na prefeitura do mesmo município no evento dos 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres. Também expôs no Museu Antropológico Diretor Pestana (Madp) de Ijuí, interior do Estado, cidade natal da adolescente.

O Projeto Meu Querer proporcionou uma dimensão formativa para a adolescente dando oportunidade para que ela desenvolvesse a habilidade de pintar. Além disso, suas obras retratam arte, política e luta pessoal tecendo a forma dela perceber e se relacionar com o mundo.

Conforme dito pela pesquisadora Estela Junges, idealizadora e mediadora do Projeto, “O mais importante, para mim, é ela sair daquele encontro mais

empoderada, mais dona de si. O grande produto não é o quadro, é ela. Quando abirmos os cadeados, o produto vai estar nela e é isso que importa”. Então, que a A.O tenha uma trajetória de mais oportunidades e que ela saiba buscar seus sonhos, mesmo com as amarras da sociedade, afinal agora ela está mais empoderada!

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990.

\_\_\_\_\_. LEI MARIA DA PENHA. Lei N.º11.340, de 7 de Agosto de 2006.

BECKER, Howard S. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Hucitec, 1993.

BOBBIO, Norberto (orgs); MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. 11ª edição. Vol 1. Brasília: UnB, 1998.

FASE. Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <[www.fase.rs.gov.br/estatisticas](http://www.fase.rs.gov.br/estatisticas)>. Acesso em: 20, janeiro, 2022.

FREIRE, P. Educação como prática da Liberdade. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIRARDI, Yasmim. Projeto Meu Querer traz liberdade de aprendizado para meninas em medida socioeducativa na FASE. Jornal do Comércio, Porto Alegre, 11 de setembro de 2021. Disponível em: <[jornaldocomercio.com](http://jornaldocomercio.com)>.

MINAYO, Maria Cecília de S. O Desafio do Conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. 2ª ed. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO, 1993.

PAULA, de Adriana. O que é cultura do estupro? Iconografia da História, 2020. Disponível em: [iconografiadahistoria.com.br](http://iconografiadahistoria.com.br) Acesso em: 23 de janeiro de 2022.

Prevalência e fatores associados a violência por parceiro íntimo contra mulheres adultas no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde, 2019 Revista Brasileira de Epidemiologia, Volume: 24.

RIBEIRO, Djamilia. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.



YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

WOLF, Naomi. O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempo, 2018.